

Qualidade vocal do professor e compreensão e discriminação dos alunos

Érika Sousa Ditscheiner *
Léslie Piccolotto Ferreira **

Morsomme D, Minell L, Verduyck I. Impact Of Teachers' Voice Quality On Children's Language Processing Skills. *Vocologie: Stem En Stemstoornissen Themanummer Logopedie*. 2011; 9-15.

Muitos estudos têm sido realizados na direção de apontar que o professor apresenta distúrbio de voz¹. Poucos, porém têm como objetivo analisar o impacto desse problema na compreensão dos alunos ou o quanto uma voz alterada pode comprometer a relação ensino-aprendizagem².

Nessa direção, destaque deve ser dado ao artigo "Impact Of Teachers' Voice Quality On Children's Language Processing Skills", desenvolvido por Dominique Morsomme e Laura Minell, ambas do Departamento de Psicologia da Universidade de Liège; e Ingrid Verduyck, da Faculdade de Psicologia da Universidade de Louvain, cujo foco centra-se exatamente nessa questão.

Para empreender discussão sobre o tema as autoras partem de uma pesquisa, que avaliou o impacto que a qualidade vocal produz no aprendizado de crianças. Essa pesquisa de natureza transversal, teve como objetivo principal verificar a compreensão e discriminação da linguagem oral por crianças, de uma voz feminina com e sem disfonia e compará-las por meio de diferentes testes. Para isso foram analisadas 68 crianças com média de idade de 8 anos e 5 meses, divididos igualmente quanto à variável sexo.

Inicialmente, as crianças foram avaliadas quanto à capacidade de atenção seletiva, habilidade lexical e de compreensão. O instrumento foi utilizado com o objetivo de avaliar os seguintes domínios: atenção/execução de tarefas, memória, aprendizagem, linguagem, sensório-motor, e visual.

Também foi utilizado um outro instrumento, para descrever e avaliar os vários componentes de proficiência oral, composto pelos seguintes testes: vocabulário, fonologia, compreensão da linguagem e produção.

Em outro momento as crianças foram avaliadas por meio de duas tarefas que deveriam realizar. Uma tarefa de compreensão e outra de discriminação, que foram realizadas com base em gravações e contou com a participação de uma fonoaudióloga especialista em voz, alternando, conforme mencionado acima, voz natural (sem disfonia) e voz disfônica simulada em cada texto oral apresentado às crianças.

A tarefa de compreensão baseou-se na leitura de dois textos, contendo histórias diferentes, porém com estrutura similar. Esse teste foi estruturado a partir de um subteste denominado Histoires, que, por sua vez, foi elaborado tendo com referência um instrumento para a avaliação de memória para

* Fonoaudióloga. Mestranda em Fonoaudiologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). ** Fonoaudióloga. Professora Titular do Departamento de Fundamentos da Fonoaudiologia e da Fisioterapia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da PUC-SP.

crianças (Cohen, 2001). Sete questões de múltipla escolha foram elaboradas para cada texto. Para realização desse teste foi dada a instrução de que o texto ouvido seria curto e que seria necessário ter atenção, pois na sequência seriam feitas perguntas sobre ele. As alternativas eram lidas em voz alta, além da apresentação escrita. As crianças de duas classes ouviram a gravação do texto lido em voz sem disфонia em primeiro lugar e depois, com voz disfônica, e as crianças de outras duas classes escutaram na ordem inversa. A tarefa de discriminação consistiu em duas listas de pares mínimos de palavras que foram criadas. As palavras de cada par diferenciavam-se pelo fonema inicial, que era vozeado ou não, enquanto a forma de articular foi mantida. Anterior à escuta da gravação, os alunos receberam a instrução de ouvir com atenção os pares de palavras (12) e assinalar na sequência se as mesmas eram iguais ou diferentes. Um exemplo foi dado antes que a lista se iniciasse e a ordem da apresentação das vozes sem disфонia e disfônicas foi também alternada para os diferentes grupos.

Depois de ouvir a lista na qualidade de voz disfônica, os alunos foram convidados a responder o questionário junto a perguntas sobre aquela voz: “O que você pensa sobre essa voz”, “Como é que essa voz afeta você?”, “Escreva tudo o que você pensa, se você não souber o que escrever, escreva qualquer coisa”. Embora relevantes para a discussão esses dados, ainda que levantados, não foram utilizados para contrapor aos dados quantitativos.

Os achados submetidos à análise estatística mostraram uma redução significativa de compreensão e discriminação por parte dos alunos em geral nas tarefas apresentadas com qualidade de voz disfônica.

Pode-se questionar, na leitura deste artigo, alguns aspectos como o fato da não menção quanto aos achados da avaliação de capacidade de atenção seletiva, habilidade lexical e de compreensão realizada com as crianças, ou mesmo de terem simulado uma disфонia. Há que se destacar, no

entanto, a relevante contribuição que os resultados da pesquisa trazem no sentido da conscientização de profissionais que buscam dar suporte às questões de saúde do professor. Suas ações, à luz da reflexão das autoras, são muito mais abrangentes, pois vão além da proteção da saúde e prevenção dos distúrbios de voz do professor. O que ela nos mostra é que a produção vocal (com e sem disфонia) tem impacto também nos processos de ensino e aprendizagem.

Comprovadamente, há no Brasil uma prevalência alta de professores disfônicos³⁻⁵, e esse fato, por si, explicita o sofrimento dos professores ao atuarem profissionalmente. Este estudo, contudo, vai além, pois ao alertar que o mesmo distúrbio afeta também o processo de ensino, toca de perto em algo que o professor tem como vocação: o aprendizado de seu aluno e aponta para uma concepção de escola promotora da saúde tanto do professor como do aluno.

Referências Bibliográficas

1. Dragone MLS, Ferreira LP, Giannini SPP, Simões-Zenari M, Vieira VP, Behlau M. Voz do professor: uma revisão de 15 anos de contribuição fonoaudiológica. *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*. 2010; 15(2): 289–296.
2. Ghirardi ACAM, Ferreira LP. A influência da voz do professor disfônico no processamento da linguagem oral de alunos. *Revista Distúrbios da Comunicação*. 2008; 20(1): 136a-136b.
3. Alves, LPAD, Alagoas, UFD. Prevalência de queixas vocais e estudo de fatores associados em uma amostra de professores de ensino fundamental em Maceió. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*. 2010; 35(121), 168–175.
4. Freitas SV. Disфонia em Professoras do Primeiro Ciclo do Ensino Básico Prevalência e Factores de Risco. *Arquivos de Medicina*. 2006 20: 35–37
5. Latorre MRDO, Simões M. Prevalência de alteração vocal em educadoras e sua relação com a auto-percepção. *Revista Saúde Pública*. 2006; 40(6), 1013–1018.

Endereço para correspondência

Érika S. Ditscheiner
Rua Dez de Setembro 70, Campinas, SP
CEP 13010-215

E-mail: erikasousafono@yahoo.com.br